

# OS PRIMÓRDIOS DA CONSTRUÇÃO DO PRÓPRIO NO CONTEXTO DA INTERACÇÃO MÃE-BEBÉ

**Bárbara Figueiredo**

Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal

**Resumo** – Neste artigo, procuramos mostrar como os primórdios do Próprio são (co) construídos no contexto da interacção do bebé com a mãe. Recorrendo a alguns dos autores que se debruçaram sobre a origem do Próprio e à investigação científica neste domínio, descrevemos como os primórdios do Próprio são inequivocamente (co) construídos nos encontros e diálogos do bebé com os outros, com os outros significativos, que são, nos momentos iniciais da existência, mais precisamente a mãe. A mãe, à medida que providencia experiências significativas ao bebé, possibilita que ele verdadeiramente exista e que construa um primeiro núcleo significativo do Próprio. Em traços mais largos, a família — com a qual a criança interage e estabelece um conjunto de experiências que lhe permitem formar uma primeira ideia acerca de si, dos outros e do mundo em geral — é assim a raiz significativa do que o indivíduo é e será, assim como a raiz significativa daquilo que os outros são e serão para o indivíduo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Self, Outro, Interacção mãe-bebé, Modelos internos dinâmicos

**KEY WORDS:** Self, Other, Mother-infant interaction, Working models

Este artigo debruça-se sobre os primórdios da construção do Próprio e o que procura mostrar, recorrendo prioritariamente a alguns autores e à investigação científica, é que os primórdios do Próprio são inequivocamente (co) construídos nos encontros e diálogos do bebé com os outros, os outros significativos, que são, nos momentos iniciais da existência, a família e mais precisamente a mãe.

## 1. OS PRIMÓRDIOS DA CONSTRUÇÃO DO PRÓPRIO: MOMENTOS DA CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DO PRÓPRIO, DA NOÇÃO DO OUTRO, E DA NOÇÃO DO OUTRO SIGNIFICATIVO

Quando Margaret Mahler nos fala de uma fase de autismo inicial, a autora quer com isso dizer que nos momentos iniciais da existência, o Próprio está indissociado do Outro.

Toda a correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Bárbara Figueiredo, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal. Telef.: (253) 604241; Fax: (253) 678987; E-mail: [bbfi@iep.uminho.pt](mailto:bbfi@iep.uminho.pt)

Nesta fase, “o bebé não consegue distinguir entre si mesmo e o mundo que o rodeia, consequentemente nem o próprio se diferencia do outro, nem o outro está diferenciado do próprio” (Mahler, 1965/1982, p. 36), comenta a autora.

Convém, no entanto, desde já salientar que a descrição desta fase — que corresponde ao “*narcisismo primário*” descrito por Freud (1914/1957) — tem sido muito contestada, no seio mesmo da teoria psicanalítica. Stern (1985/1989), por exemplo, considera que o bebé “não vive nunca um período de indiferenciação total”, não existindo nunca “confusão entre o próprio e o outro”, sendo que, desde os momentos iniciais, o bebé tem um sentido de actividade própria, de coesão física, de continuidade, de subjectividade. Para o autor, o Próprio constitui um sentido de si, desde a nascença e ao longo de todo o ciclo de vida, na interacção que estabelece com os outros (Stern, 1985/1989, p. 21)<sup>1</sup>.

Ao passar gradualmente para uma fase dita simbiótica, o bebé começa vagamente a perceber a existência do(s) outro(s), diz Mahler (1967/1982), à medida que associa a presença e a ausência do(s) outro(s) a diferentes estados de bem-estar. No entanto, os limites do que é o Próprio e do que são os Outros ainda não estão traçados e confundem-se para o bebé. A autora advoga, assim, a origem simbiótica da existência humana, pois os percursos do Próprio são a pouco e pouco desenhados a partir do estado simbiótico de unidade dual mãe-bebé (Mahler, 1974/1982). Tal como a define, a fase simbiótica consiste num estado indiferenciado de fusão da criança com a mãe, onde não existe uma diferenciação entre o próprio e o outro, e onde a criança acredita que ela e a mãe fazem parte de uma única e mesma unidade.

Aos 5 ou 6 meses, a criança dá contudo início a uma terceira fase que Mahler (1974/1982) designa de separação-individação. É então que, a partir da unidade fusional que descrevíamos há pouco, o bebé toma progressivamente consciência que ele e a mãe são pessoas separadas, começando a esboçar uma diferenciação entre o Próprio e o Outro. A separação, que vai permitir a diferenciação, é, em parte, consequência da maturação neurofisiológica da criança que ocorreu entretanto, mas é também, em parte, imposição da mãe. Nomeadamente, quando a mãe obriga o bebé à espera, e não satisfaz de imediato as suas necessidades, favorece a criação de um espaço e de um tempo em que o bebé começa a considerar a existência do Outro, pelos diferentes estados gerados na presença e na ausência dele. Mais tarde, diga-se, será também a ausência da mãe que vai obrigar a criança a esforçar-se por elaborar dela uma representação.

Progressivamente, o bebé vai, portanto, tomar consciência do que tem origem no Próprio e do que tem origem no Outro (Mahler, 1974/1982). Assim, a partir de um conjunto de sensações internas, depois de considerar e atribuir tais sensações ao Próprio, a criança começa a construir uma primeira noção de si; essas sensações internas vão ainda ser diferenciadas das sensações externas, provocadas pelo outro, o que permite que a distinção entre o Próprio e o Outro se opere e, paralelamente, se construa uma primeira noção do Outro (Mahler, 1967/1982).

É também nesta altura que a criança começa a ter uma consciência mais clara que não é apenas ela que tem uma realidade diferente do(s) outro(s), particularmente da mãe, mas que também os outros têm uma existência distinta entre si. Tal como nos diz Mahler, “o reconhecimento da mãe como pessoa separada caminha paralelamente à percepção da existência separada de outras pessoas” (Mahler, 1974/1982, p. 128).

Frutos deste processo seriam, na opinião de diversos autores, por ordem cronológica do seu aparecimento, o sorriso da criança dirigido à mãe, o medo e a estranheza que manifesta perante o estranho, e as manifestações de ansiedade suscitadas pelo afastamento da mãe.

Depois de um estágio não-objectal, que corresponde ao primeiro mês de vida, em que, na descrição de Spitz (1965/1979), não existe nem objecto nem relação objectal e o bebé não se diferencia do mundo que o rodeia, a face humana vai ser reconhecida e suscitar uma resposta específica, o sorriso, geralmente a partir do 2º ou 3º mês, dando lugar ao estágio que designa de “*pré-objectal*”. No entanto, o sorriso do bebé de 3 meses de idade, sendo apenas uma resposta a um sinal, não é ainda “uma resposta a uma pessoa em particular” (Spitz, op.cit., p. 91), não sendo, por isso, testemunho da presença de uma verdadeira relação entre o bebé e o Outro. Esta resposta, todavia, é precursora da relação com o outro, que tem agora tudo para se iniciar, e marca o início de um “*ego rudimentar*” (Spitz, op.cit., p. 102).

Mais tarde, descreve o autor, na segunda metade do primeiro ano de vida, o bebé não mais vai sorrir perante o estranho, como aconteceu até então, exibindo outras respostas, que fazem parte da reacção que descreve como “*ansiedade dos oito meses*”. Com efeito, aos oito meses, a criança “apresenta intensidades variáveis de apreensão ou ansiedade, e rejeita o estranho” (Spitz, op.cit., p. 141), o que não manifesta perante a mãe. A criança mostra assim que diferencia a mãe dos outros que não conhece; perante o estranho, reconhece não se tratar da mãe e, identificado como diferente, o objecto estranho é por conseguinte rejeitado. Na interpretação de Spitz (1965/1979), a criança responde com desprazer à presença do estranho, porque é confrontada com a ausência da mãe, e fica, portanto, frustrada em seu desejo de ter a mãe.

Spitz (1965/1979) observa que, na mesma idade, a criança mostra ainda a presença de ansiedade de separação, e explica: é porque o objecto está agora constituído que o bebé se angustia quando ele desaparece. Mas esta reacção indica também que a criança conferiu à mãe um lugar único entre os outros, acrescenta o autor. Deste modo, as referidas reacções da criança reportam-se ao estágio objectal, porque mostram que estabeleceu uma verdadeira relação objectal, com um objecto que se constitui totalmente, indicando que a mãe se tornou um objecto libidinal para a criança. “Antes disso, dificilmente poderíamos falar de amor, pois não há amor até que o ser amado possa ser distinguido de todos os outros” (Spitz, op.cit., p. 146).

Mais tarde ainda, surge o terceiro organizador do aparelho psíquico. Segundo a formulação desenvolvimental de Spitz (1965/1979), o “*Não*”, enquanto gesto e palavra, testemunha que a criança se reconhece totalmente como um elemento em separado da mãe, separação que a partir de agora ultrapassa a existência física, pois tem também a ver com as suas intenções, sendo ainda “a primeira abstracção formada pela criança” (Spitz, op.cit., p. 174).

No entanto, para outros autores, principalmente para Bowlby (1969/1978) e Bower (1941/1983), não existem outras razões para o medo do estranho senão o facto de o estranho ser um desconhecido para a criança.

Bower (1941/1983), por exemplo, explica que são as diferenças que a criança observa e reconhece no modo como os outros interagem com ela que vão permitir que os outros sejam percebidos como diferentes da mãe e, posteriormente, distintos também entre si. Assim, as diferenças que são em primeiro lugar percebidas nos outros, são as diferenças que se referem à sua linguagem e sinalética comunicativa. A criança, que aprendeu a comunicar com a mãe, vai estranhar sempre que um estranho interaja consigo, porque desconhece e não compreende os sinais que lhe são dirigidos, os quais não são aqueles que aprendeu na interacção com a mãe. Progressivamente, a criança vai considerando que esses sinais diferentes correspondem à presença de um Outro que não é a Mãe. Podemos, então, dizer que, a partir daqui, a criança que, como vimos, já está diferenciada da Mãe, está agora capaz de diferenciar a Mãe do(s) Outro(s), assim como está capaz de diferenciar aqueles que lhe são, daqueles que não lhe são familiares; distinção que se estabelece e se baseia nas diferenças comunicativas que surgem na interacção.

No entanto, estas aquisições “não florescem de uma vez na cabeça do bebé aos oito meses” (Bower, *op.cit.*, p. 69).

Com efeito, a investigação empírica mostra que, durante os primeiros meses de vida, o bebé elabora progressivamente padrões interactivos cada vez mais distintos — de atenção, movimento e expressão afectiva — que utiliza diferentemente na presença de um objecto social ou de um objecto não social (e.g., Brazelton, Kolowski, & Main, 1974; Trevarthen, 1977), na presença de um adulto ou na presença de um bebé da mesma idade (e.g., Fogel, 1980), na presença da mãe ou na presença do pai (e.g., Lamb, 1977), na presença de uma pessoa conhecida ou na presença de uma pessoa desconhecida (e.g., Dixon, Yogman, Tronick, Adamson, Als, & Brazelton, 1981). Ao longo das primeiras semanas de vida, a imitação vai ser usada pelo bebé para reconhecer a pessoa com que está a interagir, tendo, entre outras, uma função de identificação social. Através da imitação, o bebé vai certificar-se se a pessoa com quem está a interagir no momento é, ou não é, a mesma pessoa com quem interagiu antes (Meltzoff & Moore, 1994). A pouco e pouco, a criança vai deste modo estabelecer padrões distintos de interacção consoante o seu interlocutor e os objectivos específicos que pretende atingir no intercâmbio com ele.

Ao longo dos primeiros meses de vida em conjunto, mãe e bebé vão elaborar um estilo de comunicação próprio, um estilo de interacção específico. Porque ainda só aprendeu a comunicar com a mãe, o estranho é para a criança de oito meses de idade “alguém que não fala a mesma linguagem” (Bower, 1941/1983, p. 76). A estranheza perante o estranho é, por conseguinte, a estranheza perante uma linguagem que não se compreende; enquanto que a ansiedade perante o afastamento da mãe corresponde ao medo que a criança tem de ficar sozinha, sem ninguém com quem comunicar. Para Bower (1941/1983), estaria assim também explicado porque é que o medo do estranho e a ansiedade de separação declinam com o

domínio da linguagem e a aquisição por parte da criança de um sistema de comunicação susceptível de ser usado com outras pessoas do seu meio que não apenas a mãe.

Como vimos, Bower (1941/1983) distingue a resposta de medo do estranho da resposta de ansiedade de separação, que aparece ligeiramente mais tarde e cuja origem considera distinta, mas não esclarece suficientemente. Bowlby (1958/1976, 1969/1978, 1973/1978), por sua vez, dá particular importância à ansiedade de separação que observa no final do primeiro ano de vida da criança. Para o autor, o mal-estar que a criança evidencia perante o afastamento da mãe seria o testemunho de duas importantes aquisições desenvolvimentais: primeiro, seria a indicação de que o bebé foi capaz de estabelecer uma ligação emocional específica, que designa de "*relação de vinculação*"; segundo, seria uma primeira indicação de que o bebé privilegia claramente alguém em termos relacionais, a mãe, que se constituiu enquanto "*figura de vinculação*" para a criança.

Estas aquisições têm uma história de desenvolvimento que acontece ao longo do primeiro ano de vida da criança. Bowlby (1958/1976) começa por mostrar que os bebés têm presentes à nascença determinados comportamentos inatos que facilitam a interacção social com os outros membros da espécie, garantindo a sua preservação. Tais comportamentos são "desencadeadores sociais das respostas instintivas da mãe" (Bowlby, 1958/1976, p. 139), servindo não só o propósito de facilitar a aproximação do bebé à mãe (comportamento de aproximação, como, por exemplo, agarrar, procurar, seguir), como ainda o propósito de facilitar aproximação da mãe ao bebé (comportamentos de sinalização, como, por exemplo, sorrir, chorar, falar). Estes comportamentos vão, ao longo do primeiro ano de vida, integrar-se em seqüências comportamentais mais complexas, dando lugar ao sistema comportamental de vinculação. O sistema comportamental de vinculação é assim constituído por um certo número de respostas instintivas componentes, que são de início relativamente independentes entre si e servem a função de ligar a criança à mãe, mas que, no decurso do desenvolvimento normal, se tornam interligadas e localizadas sobre uma única figura (de vinculação), dando lugar a uma relação (de vinculação).

Bowlby (1951, 1969/1978) considera ainda que algo tem que suceder, por parte do meio, para que estas aquisições aconteçam, assim como assinala um conjunto de situações — tais como, a privação materna — em que, dado às condições adversas do meio, estas aquisições não se concretizam. O principal aspecto que favorece que uma pessoa (geralmente, a mãe) se possa constituir enquanto figura de vinculação para a criança é o facto de providenciar segurança, conforto e ajuda quando necessária<sup>2</sup>. Para tal, em muito contribuem as experiências repetidas em que essa pessoa se mostrou acessível, disponível e aceitante com a procura de proximidade por parte do bebé; tanto quanto as situações em que serviu de "base segura", estimulando a exploração do mundo e oferecendo protecção em momentos de perigo (Soares 2001).

Só agora, mãe e bebé, separados na sua existência, vão dar lugar a uma verdadeira relação, a qual será, no entanto, e até aos 2/3 anos de idade da criança, uma relação marcadamente dual. Antes de essa separação se ter dado, de uma verdadeira relação não poderíamos falar, pois para

que de uma verdadeira relação se possa tratar, os elementos envolvidos têm de estar diferenciados entre si, sendo por isso que os autores adoptam o termo interacção mãe-bebé para falar dos primeiros intercâmbios entre a criança e a mãe (Figueiredo, 2001).

Mesmo assim, a existência do Próprio e do Outro, nestes momentos que correspondem ao final do 2º semestre de vida, e até que a criança seja capaz de representação, é ainda uma existência que se firma somente na presença física e imediata. Trata-se dos primórdios do Próprio e do Outro, que veremos nascer mais tarde e que, diríamos, têm agora apenas, e até este momento, uma existência sensório-motora. Um Próprio que existe, se sabe existente/funcionante, e se sabe também separado do Outro, do ponto de vista sensório e motor; mas também um Próprio e um Outro que têm uma identidade que é unicamente física e uma permanência que é exclusivamente efémera.

Próprio e Outro têm somente uma existência efémera porquanto a criança não adquiriu ainda a noção de permanência do objecto (Piaget, 1937). Será a capacidade de representação que permitirá à criança a construção da noção de permanência do objecto, que garante que o Próprio e o Outro sejam construídos na sua constância e se reconheçam enquanto iguais e permanentes em diferentes momentos e locais de existência. Será a capacidade de representação que permitirá ainda esboçar uma representação do Próprio e do Outro, conferindo uma existência ao Próprio e ao Outro que ultrapassa aquilo que lhes é conferido pela presença física imediata.

Dotada da sua capacidade de representação, a criança começa então a elaborar as primeiras construções internas do Próprio e do Outro, formando, por exemplo, um primeiro sentido de identidade subjectiva. Este processo representativo determina ainda que, a partir de experiências interactivas repetidas, núcleos de significação do Próprio e do Outro se comecem a firmar, pelo que a criança começa a conferir atributos ao Próprio e ao Outro, a partir do resultado da sua experiência nos intercâmbios com o meio, particularmente com as pessoas significativas que encontra, como veremos já a seguir<sup>3</sup>.

É interessante salientar que Margaret Mahler (1974/1982) foi uma das primeiras autoras a falar de tarefas de desenvolvimento. Para a autora, a tarefa de desenvolvimento da fase autista consistiria na manutenção do equilíbrio homeostático, a tarefa da fase simbiótica seria o estabelecimento de um vínculo entre a criança e a mãe, enquanto que a tarefa da fase de separação-individação se traduziria na aquisição de uma primeira noção de identidade.

Este processo representativo — porque permite que a criança saiba que a Mãe não desaparece muito embora não esteja ali no momento (ou seja, embora não seja directamente perceptível), e, porque permite que a Mãe permaneça, primeiro, através dos objectos transitivos, a quem a criança atribui as qualidades boas da mãe (Winnicott, 1965/1982) e, depois, através da representação que dela faz — possibilita ainda que diminua a ansiedade que a criança sente perante o afastamento da mãe, de que falávamos à pouco.

## 2. OS PRIMÓRDIOS DA CONSTRUÇÃO DO PRÓPRIO: IMPORTÂNCIA DA INTERACÇÃO COM A MÃE

Delineados que estão os momentos da construção do Próprio e do Outro ao longo dos primeiros anos de vida, importa agora discutir mais detalhadamente qual o papel e relevância da Mãe neste processo.

2.1. A mãe, estímulo privilegiado da atenção e intercâmbio do bebé com o mundo, garante que a diferenciação entre o próprio e o outro e a diferenciação entre a mãe e o(s) outro(s) rapidamente se possa estabelecer

A mãe constitui-se enquanto objecto privilegiado dos momentos de atenção que o bebé tem disponíveis para o mundo, desde nascença (Figueiredo, 2001). Com efeito, em detrimento de outros estímulos que não têm qualquer valor para a sua sobrevivência, o bebé vai, logo que nasce, prestar especial atenção à mãe. Tal acontece porque, embora muito pouco equipado do ponto de vista motor, o bebé humano vem ao mundo com uma elevada sensibilidade sensorial, a qual se verifica desde nascença a propósito de todos os sistemas sensoriais: visão, audição, tacto, gosto, etc.. É porque esta elevada sensibilidade sensorial está especialmente direccionada para os estímulos humanos, e em particular para a mãe, fruto da pré-adaptação social do bebé, que muito rapidamente a criança elabora algum conhecimento a respeito da mãe.

Com efeito, os estímulos humanos têm todas as características configuracionais que melhor despertam a atenção do bebé, pelo que a atenção da criança vai ser captada pela sua presença. Assim, o recém-nascido prestará mais atenção aos estímulos humanos do que aos estímulos não humanos e vai muito cedo privilegiar a mãe como alvo da sua atenção ao mundo.

O bebé, por exemplo, pode preferir chupar um biberão não nutritivo que lhe permita continuar a ouvir a voz da mãe do que chupar um biberão nutritivo que tal não lhe permita (De Casper & Fifer, 1980) e acalma-se preferencialmente quando ouve os batimentos cardíacos da mãe (Salk, 1962).

Dado que na interacção com a mãe o bebé está totalmente votado a olhar para a mãe, começa desde cedo a reconhecê-la e a distinguí-la, o que se verifica logo durante o primeiro mês de vida, a partir da cor e do contorno do seu cabelo (Pascalis, De Shonen, Morton, Deruelle, & Fabre-Grenet, 1995). Elabora, entretanto, mais algum conhecimento a respeito da mãe, que o fará, por exemplo, estranhar que a sua voz lhe seja apresentada com uma proveniência diferente do local onde pode ver a sua face, o que é observado desde o 4º ou 5º mês de vida da criança (Aronson & Rosenblum, 1971).

Mas este processo de conhecimento, que permite que o bebé rapidamente diferencie a mãe dos outros adultos, iniciou-se muito antes da nascença. Trata-se de uma pré-adaptação da

criança à sociedade dos homens, e em particular à mãe, que tem sido empiricamente descrita. Quando nasce, o bebé já conhece, por exemplo, a voz da mãe, assim como a todas as sonoridades que dela provêm e que ele pôde ouvir durante os últimos meses de gestação. Com efeito, a investigação mostra que o recém-nascido prefere ouvir um refrão que ouviu cantar à mãe nos últimos meses de gestação do que um outro refrão que não ouviu, mesmo que igualmente cantado pela mãe (De Casper, Lecanuet, Busnel, Granier-Deferre, & Maugeais, 1994). Assim, a construção do conhecimento que se refere à mãe e que possibilita a sua diferenciação dos outros que também se encontram no meio ambiente da criança iniciou-se muito precocemente, antes mesmo do nascimento.

Vemos pois que, desde os momentos iniciais em que se encontram juntos, mãe e bebé estão particularmente sensíveis um ao outro e constroem algum conhecimento acerca um do outro, que rapidamente vão aperfeiçoar pela atenção que dispensam um ao outro, o que é garante que a diferenciação entre o Próprio e o Outro e a diferenciação entre a Mãe e o(s) Outro(s) rapidamente se possam estabelecer.

## 2.2. A mãe, produtora de significados, favorece que o bebé se confira existência e elabore uma primeira noção do próprio

Há muito que Winnicott (1957/1992) nos advertiu que um bebé sozinho é algo que não existe, e que ele faz essencialmente parte de uma relação.

Embora o significado destas palavras seja inesgotável, é possível considerar que, com esta afirmação, o autor estaria (também) a assinalar que a existência do bebé *lhe* é conferida pela existência do Outro, na relação que com ele estabelece. Ou seja, o autor estaria deste modo a dizer que, nos momentos iniciais, a existência do bebé está grandemente dependente e é tão somente determinada pela presença e existência do Outro. Dado que a existência do bebé *lhe* é conferida pela existência do Outro, ele só existe na medida em que o Outro, que é geralmente a mãe, está presente e *lhe* confere existência. Com recurso à investigação científica, é possível visualizar o alcance desta afirmação.

Em primeiro lugar, a investigação científica tem mostrado que as competências do bebé — e, muito particularmente, as competências humanas, isto é comunicativas e sociais, do bebé — são quase exclusivamente postas em acção na presença da mãe, pelo que nada do que pode ser visto na interacção do bebé com a mãe, pode ser visto na ausência desta ou na presença dos objectos inanimados, que a criança muito precocemente percebe que não são para as mesmas coisas que são as pessoas. Daniel Stern (1980/1975), entre outros, mostrou que nada daquilo que o bebé é pode ser observado quando ele não está em relação, e que muitos dos comportamentos do bebé são apenas vistos na sua expressão máxima na interacção com a mãe.

Em segundo lugar, dado que o bebé, durante os primeiros meses de vida, não é ainda capaz de acção independente, a interacção com a mãe é, por conseguinte, a única forma que ele dispõe para se conhecer a si, para conhecer os outros e para conhecer o mundo em geral. É assim, através da mãe, e da acção desta para com o bebé, que a criança vai entrar em contacto



com o mundo. Consequentemente, o conhecimento que o bebé elabora acerca de si, dos outros e do mundo em geral, estabelece-se através da mãe e, em larga medida, depende da acção interactiva da mãe e da sua habilidade para o fazer.

Em terceiro lugar, para além de aprender a participar em incidentes humanos, na interacção com a mãe, o bebé aprende ainda a respeito de si próprio e dos outros, em particular aprende acerca do que pode esperar de si e dos outros, como Bowlby (1973/1978, 1988) referiu de forma exemplar. Os conhecimentos parcelares que o bebé vai construir a respeito de si próprio, nos contactos e experiências com os outros, e em particular com a mãe, vão progressivamente unificar-se e transformar-se em representações do Próprio, para depois se estabelecerem numa identidade definida; tanto quanto os conhecimentos que o bebé vai adquirir a respeito dos outros se vão constituir em representações do Outro. Bowlby (1988) evidenciou que, na interacção com a mãe, o bebé é sujeito a determinadas experiências que são experiências dotadas de uma certa previsibilidade, continuidade, e tonalidade emocional. Estas experiências vão progressivamente ser interiorizadas e o bebé vai organizá-las, formando modelos internos dinâmicos (*working models*) que se traduzem em determinadas noções e expectativas acerca do Próprio e acerca do(s) Outro(s), como sejam: a confiança no próprio para determinar respostas adequadas nos outros e a disponibilidade dos outros para responder adequadamente às necessidades do próprio.

O autor esclarece que a criança aprende na relação com os pais duas principais formas de comportamento e interioriza dois tipos principais de modelos. Uma primeira forma de comportamento resulta do modo como a criança se viu a interagir com os pais, uma segunda forma de comportamento resulta do modo como a criança viu os pais a interagir com ela. Da forma como a criança se viu a interagir com os pais resulta o modelo interno dinâmico do *self*, enquanto que da forma como a criança viu os pais a interagir com ela resulta o modelo interno dinâmico do Outro. Bowlby (1988) considera ainda que a criança vai levar tais modelos internos dinâmicos, elaborados a partir das experiências precoces com os pais, para as suas futuras relações com os outros, pelo que estes modelos, formados nas primeiríssimas relações da criança com os pais, vão, em grande parte, determinar o que nas subsequentes relações com os outros pode vir a acontecer.

### 2.3. A mãe, produtora de significados, participa na construção da primeira noção que o bebé elabora acerca do próprio

Os primórdios da noção do Próprio e da noção do Outro são assim (co)construídos nos encontros do bebé com a mãe. Dizemos (co)construídos porquanto a mãe, tanto quanto o bebé, participa na construção dessas primeiras representações.

Trevarthen (1977, 1979) foi um dos primeiros a mostrar que desde as trocas iniciais que estabelecem entre si, quer a mãe quer o bebé transmitem intenção comunicativa um ao outro e, quer a mãe quer o bebé, reconhecem intenção comunicativa nas acções um do outro.

Para isso, em muito contribuiu um certo número de movimentos sincronizados dos lábios e da língua — que o autor designa de "*prespeech*" — e um certo número de movimentos dos braços e das mãos — que designa de "*gesticulation*" — que o bebé emite em direcção à mãe e que em tudo se assemelham aos movimentos que os adultos usam quando comunicam entre si.

Rudimentos de consciência do Próprio e de consciência do Outro podem assim começar a ser (co)construídos pelo bebé, nestes momentos iniciais em que mãe e a criança comunicam entre si. Essa primeira consciência que o bebé tem de si e do Outro é para muitos autores uma consciência comunicativa.

Convém dizer que estas trocas comunicativas são possíveis, não apenas porque o bebé humano vem ao mundo bem equipado do ponto de vista comunicativo e com algum conhecimento relativamente à humanidade das pessoas com quem vai ter que contactar, mas também porque a mãe está particularmente sensível e disponível para o bebé, sobretudo para comunicar com ele (Figueiredo, 2001).

Com efeito, se é espantosa a quantidade de coisas que o bebé é logo à nascença capaz de fazer e que a investigação científica, com recurso a uma parafernália de estudos, assim como ao mais aperfeiçoado equipamento, foi capaz de demonstrar. É também verdade que a investigação não foi a maior das vezes muito mais longe do que mostrar aquilo que grande parte das mães simplesmente sabem. Sendo ainda verdade que estas competências iniciais do bebé de nada lhes serviriam se a mãe não fosse capaz, como geralmente é, de lhes atribuir um significado e, particularmente, um significado que é comunicativo e relacional.

O bebé significa à medida directa que a mãe atribui significado aos seus actos. Com efeito, é na medida em que essa espantosa quantidade de coisas que o bebé é capaz de fazer existe na cabeça da mãe e a mãe lhe atribui significado relacional, que essa quantidade de coisas passa a existir, e a criança começa a ter ela também alguma existência, humana, pois é de humanidade que a mãe dota as mais variadas manifestações da criança.

Winnicott (1957/1992) diz que o bebé, quando olha para a mãe, aprende a respeito de si próprio, porque a cara da mãe funciona como um espelho para si. Também Guidano (1987), um autor constructivista, comenta que, enquanto observa a mãe, o bebé constrói um primeiro significado a respeito de si próprio e do mundo, a partir daquilo que ele observa na mãe, através de um processo que designa de "*looking-glass effect*".

Mas é essencialmente através do significado de si que o bebé encontra na mãe que ele vai construir com ela um primeiro significado para o Próprio. Trata-se assim de um conhecimento (co) construído. O bebé existe na medida em que a mãe lhe reconhece existência e lhe transmite o reconhecimento da sua existência. O bebé existe na medida exacta da existência que lhe é conferida pela mãe. Aquilo que a criança vai reconhecer e atribuir a si própria, nomeadamente a sua humanidade, resulta daquilo que dela a mãe vai construindo, a partir do que ela é e faz, e da atribuição que dá aquilo que ela é e faz; o que mãe transmite de diversos modos, nomeadamente através do que ela diz que o bebé é e do que ela diz que os seus comportamentos significam (Bowlby, 1988). Se a mãe não transmitisse tal conhecimento e

não conferisse significado à existência do bebé, muito provavelmente a criança não reconheceria o significado e valor de si e das suas acções, que acabariam por desaparecer; pois, não sendo reconhecida, a criança não se reconheceria a si própria, e, conseqüentemente, deixaria muito simplesmente de existir.

A mãe é assim produtora de significados porque na interacção que estabelece com o bebé possibilita um conjunto de experiências que permitem dotar o Próprio e o Outro de determinadas qualidades, as quais, para além disso são interpretadas pela voz da mãe.

Como vimos ao longo deste artigo, os primórdios da construção do próprio dão-se no contexto da interacção mãe-bebé, sendo que mãe e bebé participam nessa construção.

## NOTAS

- 1 Considerando ou não que o bebé está indissociado do meio, a verdade é que, nestes momentos iniciais, também a Mãe está pouco diferenciada do bebé, que se habituou a ter dentro dela, e com o qual se identifica totalmente; processo que, aliás, é necessário à boa satisfação das necessidades, que o bebé nem sempre claramente evidencia.
- 2 Bowlby (1958/1976), baseado nos trabalhos da etologia, nomeadamente nas investigações de Harlow (1958/1976), distanciou-se das propostas iniciais de Freud (1905/1962) — que fundou a relação privilegiada da criança com a mãe, no facto de a mãe satisfazer as necessidades fisiológicas, nomeadamente alimentares, da criança — e atribuiu uma orientação social primária ao bebé.
- 3 Tal como assinala Bowlby (1988) e descrevemos no ponto seguinte, os modelos internos dinâmicos do Próprio e do Outro são construídos nas interacções que a criança estabelece com os pais ao longo dos primeiros anos de vida e dependem da qualidade da experiência da criança nessas interacções.

## REFERÊNCIAS

- Aronson, E. & Rosenblum, S. (1971). Space perception in early infancy: Perception within a common auditory-visual space. *Science*, 172, 1161-1163.
- Bower, T. (1941/1983). *Uma introdução ao desenvolvimento da primeira infância*. Lisboa: Moraes Editores.
- Bowlby, J. (1951). *Maternal care and mental health*. Genève: OMS.
- Bowlby, J. (1958/1976). A natureza da ligação da criança com a mãe. In L. Soczka (Ed.), *As ligações infantis* (pp. 105-153). Amadora: Livraria Bertrand.
- Bowlby, J. (1969/1978). *Attachement et perte: 1. L'attachement*. Paris: PUF.
- Bowlby, J. (1973/1978). *Attachement et perte: 2. La séparation: Angoisse et colère*. Paris: PUF.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Clinical implications of attachment theory*. London: Routledge.
- Brazelton, T., Kolowski, B., & Main, M. (1974). The origins of reciprocity: The early infant-mother interaction. In M. Lewis, & L. Rosenblum (Ed.), *The effect of the infant on its caregiver*. New York: John Wiley.
- De Casper, A., & Fifer, W. (1980). Of human bonding: newborns prefer their mother's voices. *Science*, 208, 1174-1176.
- De Casper, A. J., Lecanuet, J. P., Busnel, M. C., Granier-Deferre, C., & Maugeais, R. (1994). Fetal reactions to recurrent maternal speech. *Infant Behavior and Development*, 17, 159-164.
- Dixon, S. D., Yogman, M., Tronick, E., Adamson, L., Als, H., & Brazelton, B. (1981). Early infant social interaction with parents and strangers. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 20, 32-52.
- Figueiredo, B. (2001). *Mães e Bebés*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Fogel, A. (1980). Peer-versus mother-directed behavior in one-to-three-month-old infants. *Infant Behavior and Development*, 2, 215-226.
- Freud, S. (1905/1962). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1914/1957). On narcissism, an introduction. In *The complete psychological works of Sigmund Freud* (pp. 73-81). London: Hogarth Press.

- Guidano, V. (1987). *Complexity of the self: A developmental approach to psychopathology and therapy*. New York: Guilford.
- Harlow, H. F. (1958/1976). A natureza da ligação da criança com a mãe. In L. Szocka (Ed.), *As ligações infantis* (pp. 105-150). Amadora: Livraria Bertrand.
- Lamb, M. (1977). Father-infant and mother-infant interaction in the first year of life. *Child Development*, 48, 167-181.
- Mahler, M. (1965/1982). A interacção mãe-filho durante a separação-individação. In M. Mahler, *O processo de separação-individação* (pp. 46-52). Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Mahler, M. (1967/1982). Sobre a simbiose humana e as vicissitudes da individuação. In M. Mahler, *O processo de separação-individação* (pp. 66-81). Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Mahler, M. (1974/1982). Simbiose e individuação. In M. Mahler, *O processo de separação-individação* (pp. 96-104). Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Mahler, M. (1989). *As psicoses infantis e outros estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Meltzoff, A., & Moore, M. (1994). Imitation, memory, and the representation of persons. *Infant Behavior and Development*, 17, 83-99.
- Pascalis, O., De Shonen, S., Morton, J., Deruelle, C., & Fabre-Grenet, M. (1995). Mother's face recognition by neonates: A replication and an extension. *Infant Behavior and Development*, 18, 79-85.
- Piaget, J. (1937). *La construction du réel chez l'enfant*. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.
- Salk, L. (1962). Mother's heartbeat as an imprinting stimulus. *Developmental Psychology*, 26(1), 60-67.
- Soares, I. (2001). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: Teoria e investigação das relações de vinculação. In I. Soares (Coord.) *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias in(adaptativas) ao longo da vida* (pp. 381-419). Coimbra: Quarteto.
- Spitz, R. A. (1965/1979). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- Stern, D. (1980/1975). *Bebé-mãe: Primeira relação*. Lisboa: Moraes Editores.
- Stern, D. (1985/1989). *Le monde interpersonnel du nourrisson — une perspective psychanalytique et développementale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Trevarthen, C. (1977). Descriptive analyses of infant communicative behavior. In H. Shaffer (Ed.), *Studies in mother-infant interaction* (pp. 227-270). London: Academic Press.
- Trevarthen, C. (1979). Communication and cooperation in early infancy: a description of primary intersubjectivity. In M. Bullowa (Ed.), *Before speech*

- *the beginning of interpersonal communication* (pp. 321-348). Cambridge: Cambridge University Press.
- Winnicott, D. W. (1957/1992). *Le bébé et sa mère*. Paris: Payot.
- Winnicott, D. W. (1965/1982). *A criança e o seu mundo* (6ª edição ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

## THE BEGINNINGS OF THE SELFS CONSTRUCTION IN THE CONTEXT OF MOTHER-INFANT INTERACTION

**Abstract** — *This paper shows how the beginnings of the self are (co) constructed in the context of mother-infant interaction. Based on some authors who had studied the origins of the self and in scientific research on this domain, we describe how the beginnings of the self are unequivocally (co) constructed in the infants meetings and dialogues with others, with significant others, who are, in the initial moments of the |§ existence, more precisely the mother. As providing significant experiences, the mother gives to the infant the possibility of true existence and the possibility to construct a first self's significant nucleus. In a more large view, the family — with whom the child interacts and establishes several experiences that permit him to make a first idea about the self, the others and the world in general — is the significant root of what the individual is and will be, as well as the significant root of what the others are and will be for the individual.*